



GT 033. Estudos em contextos africanos: desafios, limites e perspectivas

Andréa de Souza Lobo (Universidade de Brasília) - Coordenador/a,
 Josue Tomasini Castro (Universidade de Campinas) - Coordenador/a

emergente campo da Antropologia da África a partir do Brasil tem, nos últimos anos, atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários que comecem a gerar um acúmulo de reflexões sobre o continente. A diversidade temática e geográfica é relativamente ampla, embora haja uma concentração de estudos nos e sobre os PALOP. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT que propomos tem por objetivo reunir diferentes trabalhos desenvolvidos em contextos africanos promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas etnográficas realizadas no e sobre o continente. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas, tais como o desenvolvimento; a cooperação internacional; fluxos locais, regionais ou globais; dinâmicas familiares e de parentesco; mobilidade e dinâmica social; gênero e sexualidade; relações sul-sul; cultura popular; concepções de cidadania, dos direitos, do Estado; dentre demais questões que, ao perpassarem os interesses de antropólogos brasileiros, respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e em contextos africanos.

Amizades e disputas: masculinidades hegemônicas em Cabo Verde

Autoria: Juliana Braz Dias

As investigações a respeito da cultura popular cabo-verdiana que tenho realizado há vários anos me levam a refletir, com recorrência, sobre aspectos das relações de gênero naquele contexto. A observação sistemática de fenômenos como música popular, carnaval, jogos e outros atos mais difusos, ocorrendo em bares, ruas e praças, levou-me a uma reflexão sobre atos de sociabilidade marcadamente masculinos e seus múltiplos sentidos. Se no campo dos estudos de gênero os works sobre masculinidades hegemônicas tiveram, historicamente, um caráter marginal, isto é especialmente verdadeiro no que toca ao caso cabo-verdiano. O que proponho neste work é uma tentativa de preencher essa lacuna através da análise de um conjunto de situações observadas que compõem uma espécie de colcha de retalhos, com uma ideia difusa de masculinidade. No cotidiano dos bares, no consumo de bebidas alcoólicas, nas performances musicais informais e na prática do jogo "uril", é possível notar certas recorrências que contribuem para uma percepção dos signos de masculinidades hegemônicas em Cabo Verde. A partir dessas observações, do tempo correndo frouxo no convívio entre amigos, argumento que a disputa torna-se uma forma de interação preponderante e não necessariamente uma disputa conflituosa e violenta (embora possa o ser), mas uma competição lúdica, entre a tensão e o gracejo, na busca constante por superar seu desafiador, numa palavra ou num gesto. Faço uma aproximação ao conceito de sociabilidade desenvolvido por Simmel ao abordar formas de sociação que encontram finalidade em si mesmas, independentemente do seu conteúdo. Argumento que alguns sentidos importantes da noção de masculinidade em Cabo Verde são forjados em interações cujo foco está no meio, no processo, e não no seu desfecho. Em outras palavras, não importa o assunto da conversa, o resultado do jogo, a afinação da música, mas a vida que brota das situações de convívio e os papéis ali construídos.



Realização:



Apoio:



Organização:

